

UM VISLUMBRE DA ETERNIDADE

O encontro de um homem com a vida além da morte.

A história de Ian McCormack
Reconhecido por Jenny Sharkey

“Um Vislumbre da Eternidade” é a incrível história verdadeira do encontro de um homem com a morte e o reino que existe além. Ferido por cinco águas-vivas caía enquanto mergulhava pela costa de Mauritius, mais tarde, Ian McCormack morreu no hospital e permaneceu morto por 15-20 minutos. Durante esse tempo, ele teve uma experiência tanto no inferno quanto no céu e voltou para contar a história!

Morrer foi sua entrada para a verdadeira vida e sua história tem transformado vidas ao redor do mundo uma vez que toca numa das questões mais profundas que todos nós nos perguntamos.

**Dedicado a nossas crianças, que são nosso orgulho e alegria,
e por todas aquelas crianças (jovens e velhos)
que ainda estão por encontrar sua casa junto ao Pai.**

*“Credes em Deus, crede também em mim.
Na casa de meu Pai há muitas moradas;
Se não fosse assim, Eu vô-lo teria dito.
Eu irei até lá para preparar um lugar para você.”*

*- Jesus
João 14:2 (NIV)*

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	3
1. A Grande E.T.	5
2. A Água-Viva Caixa.....	10
3. O Teste de Persistência.....	16
4. O Pai Nosso.....	22
5. A Livramento Final.....	26
6. A Escuridão.....	30
7. A Luz.....	33
8. As Ondas de Amor.....	36
9. A Porta e a Decisão.....	39
10. O Retorno.....	42
11. Vendo através de uma Nova Luz.....	45
12. E Agora para Você?	50
<i>Notas</i>	52

PREFÁCIO

A história de Ian McCormack é profundamente comovente e completamente acreditável. Embora eu já seja familiar com a história de Ian, a leitura deste pequeno livro me fez mais uma vez questionar o perfeito propósito e destino de minha própria vida. Confiantemente, outros leitores serão induzidos a fazerem os mesmos questionamentos.

Como um experiente médico clínico-geral, eu não tenho dúvidas de que Ian morreu em decorrência de múltiplos ferimentos causados pela Água-Viva Caixa. A Água-Viva Caixa é uma das criaturas mais perigosas e venenosas do mundo. A morte ocasionada por um ferimento de uma Água-Viva Caixa pode ocorrer dentro de cinco minutos. A morte ocorre devido à falta respiratória, causada pela paralisação do centro respiratório no cérebro, ou através de efeitos diretos ao coração, ocasionando distúrbios por condução elétrica e paralisação do músculo cardíaco. Pacientes feridos por uma Água-Viva Caixa frequentemente ficam inconscientes após saírem da água.

Em minha opinião, Ian McCormack sofreu uma parada cardíaca devido aos efeitos tóxicos das feridas provocadas por uma Água-Viva Caixa. Não há responsabilidade médica associada a sua morte, devido a um considerável tempo passado até que a antitoxina pudesse ser administrada a Ian no hospital, tornando o prognóstico extremamente pobre.

A prestação de contas de Ian com Jesus Cristo, céu e inferno, estão completamente de acordo com as descrições bíblicas. Na verdade, assim como todos os eventos sobrenaturais, a verdade acerca desses eventos deve ser confrontada com a verdade das Escrituras Sagradas (Bíblia), assim como o povo de Beréia fazia. (Atos 17:11)*.

Mais tarde, Ian foi ordenado membro de um ministério em 1991, e tem viajado por todo o mundo falando sobre sua experiência. Ian tem como objetivo usar seu tempo restante de vida para ver o máximo de pessoas possível no céu ao invés de no inferno, que é o motivo de sua viagem. Este motivo não é financeiro.

Após ouvir Ian falar, ele me impressionou de tal maneira que me tornei co-autor de dois livros de Experiências Próximas à Morte, e hoje em dia eu mesmo viajo por todos os cantos falando sobre Experiências Próximas à Morte. Eu sinceramente espero que enquanto os leitores são confrontados com a realidade do céu e inferno, que eles não somente garantam seu destino para o céu, mas também encorajam outros a fazerem o mesmo.

Dr. Richard Kent

(Dr. Richard Kent é um médico aposentado, e agora também um pastor ordenado a um ministério. Ele é co-autor de “A Fronteira Final” e “Além da Fronteira Final”, que inclui 51 Experiências Próximas à Morte. Leitores podem encontrar sobre Experiências Próximas à Morte e sobre o Dr. Richard Kent e o registro de sua instituição beneficente no Reino Unido que ele dirige através de seu website: www.finalfrontier.org.uk).

* Para mais correlações bíblicas, por favor, verifique as notações ao final deste livro.

CAPÍTULO UM

A Grande E.T.

**Há um caminho que ao homem parece direito,
Mas no fim guia para a morte.**

Provérbios 14:12 (NIV)

Era 1980 e eu tinha 24 anos de idade quando eu parti para uma aventura que iria virar minha vida de cabeça para baixo. Eu havia juntado algum dinheiro e estava ansioso para viajar e explorar o mundo. Meu melhor amigo e eu decidimos vender nossos bens materiais e seguir para um safári do surf, como um feriado de “verão eterno”.

Eu nasci e fui criado na Nova Zelândia, um país formado por uma bela ilha na região do Pacífico. Meus pais eram professores escolares e por causa disso mudamos de cidade frequentemente, reassentando em áreas rurais variadas. Eu tinha dois irmãos e, juntos, nós aproveitamos muitos dos privilégios que uma criança da Nova Zelândia já possui, como os feriados à praia. Desde jovem eu me descobri no mar.

Eu completei a graduação universitária em Agricultura pela Universidade Lincoln e então trabalhei por dois anos como consultor de fazendas na fazenda leiteira da Nova Zelândia. Eu amava cultivar. Eu amava trabalhar ao ar livre, eu passava a maior parte do tempo possível com ocupações ao ar livre. A maior parte dos meus finais de semana eu passava mergulhando, surfando, vagando e em busca de todo tipo de esportes. Após dois anos de trabalho eu criei o desejo de viajar. É comum na Nova Zelândia que jovens adultos viagem para o exterior para “experiências transoceânicas”. É um fenômeno carinhosamente apelidado de “A Grande E.T.”. Então parti ao longo da costa com minha prancha de surf sob meu braço.

Eu inicialmente voei para Sydney na Austrália e fiz meu caminho do surf da Costa Leste da Austrália até o Paraíso dos Surfistas. Eu viajei com pouca bagagem e me hospedei nas acomodações mais baratas que pude encontrar, enquanto passava meus dias pegando boas ondas nas cidades de Dee Why, Fosters, Lennox Heads, Byron Bay e Burleigh Heads.



Foto do passaporte de Ian e vistos.

Eu peguei carona e segui da Austrália para Darwin e então continuei até Bali na Indonésia, onde surfei no recife de Kuta e então tive minha chance de surfar em Uluwatu, uma maravilhosa passagem de recifes. Eu visitei também alguns templos Hindus & Budistas antes de continuar por terra firme através de Java (outra cidade da Indonésia).

Enquanto eu viajava pela Ásia, as pessoas frequentemente me perguntavam se eu era Cristão, presumidamente porque eu tinha a pele branca e estava óbvio que tinha descendência européia. Esta pergunta me desafiava porque eu vim de uma família Cristã, mas não estava certo se eu deveria me considerar um Cristão.

Eu fui criado como um Anglicano e freqüentava a “Igreja da Inglaterra”. Na idade de 14 anos, eu fui confirmado à igreja e aceitei a Jesus. Eu orava quando era criança, ia à Escola Dominical aos domingos e participava do grupo de jovens, e mesmo assim eu nunca havia tido de fato uma experiência pessoal com Deus. Eu não sentia que O conhecia.

Eu me lembro de sair da igreja no dia de minha confirmação com Jesus bem desiludido. Aparentemente nada aconteceu – nada mudou como resultado por participar dessa experiência religiosa. Meu coração estava cheio de perguntas, então perguntei a minha mãe se Deus já havia falado pessoalmente com ela. Ela se voltou a mim e disse

“Deus verdadeiramente fala conosco e é real”. Então ela compartilhou comigo como ela clamou a Deus em um período de tragédia em sua vida e Ele respondeu a ela. Então eu perguntei a ela porque Deus nunca havia falado comigo. Eu me lembro de forma vívida ela responder: “Muitas vezes é preciso uma tragédia para nos humilhar e nos fazer voltar os olhos a Deus. Os homens por natureza tendem a ser muito orgulhosos”. Eu respondi, “Eu não sou esse tipo de pessoa, não sou orgulhoso”. Mas quando hoje eu reflito sobre isso vejo que eu era muito orgulhoso.

Minha mãe disse, “Eu não vou forçar você a ir à igreja. Mas se lembre de uma coisa. O que quer que seja que você faça na sua vida; se você estiver com problemas e necessitado, clame a Deus com todo o seu coração, e Ele irá escutar você. Ele irá verdadeiramente escutar você e perdoar você”. Eu me lembrei dessas palavras. Elas permaneceram na minha mente. Mas eu decidi que, ao invés de ser um hipócrita, eu não voltaria à igreja porque eu nunca tinha tido de fato uma experiência com Deus. O Cristianismo era somente uma religião para mim e sem efeitos de relacionamento.

Eu continuei viajando por Java, Singapura, Ilha Tioman e pela Malásia, e então até Colombo no Sri Lanka, juntamente com uma mulher holandesa que conheci. Quando lá, segui meu caminho pela costa para surfar na baía de Arugam. Após um mês de ondas maravilhosas meu visto estava vencendo então retornei à Colombo.

Eu ajudei algumas pessoas da seita Tâmil na cidade de Colombo, que me receberam em suas casas e na vida de suas famílias. Uma vez, enquanto eu estava com eles, viajamos juntos para a cidade escondida de Katragarma. Nessa cidade sagrada, eu tive minha primeira experiência sobrenatural. Enquanto eu olhava para um ídolo esculpido, de fato eu vi seus lábios se moverem. Eu fiquei muito perturbado por esta experiência e quis sair da cidade o mais cedo possível.

Enquanto continuei vivendo com os amigos Tamis, observei que todos os dias eles ofereciam comida ao ídolo, um deus elefante Ganesha. Alguns dias eles o vestiam, em outros o banhavam com leite ou água. Eu achava estranho que uma pessoa pudesse acreditar que um ídolo de pedra pudesse ser um deus, já que alguém obviamente havia construído ele com suas próprias mãos. Mas um dia, olhando para a estátua de pedra eu senti ainda uma presença maligna poderosa emanando dela. Eu me surpreendi e me senti intimidado. Então em minha mente surgiram essas palavras, “Não terás outro Deus senão a mim e não farás para ti nenhuma imagem de escultura ou ídolo.” Imediatamente eu reconheci isto como um dos Dez Mandamentos encontrados na Bíblia (Êxodo 20:4-5) e eu comecei a refletir nessas palavras que eu ouvi quando participava da Escola Dominical aos domingos.

À minha maneira, eu estava em uma jornada para encontrar o “sentido da vida”. Às vezes eu me considerava um ateu e em outras vezes um “mente aberta”. Essas experiências me fizeram refletir sobre coisas sobrenaturais, mas eu não possuía conhecimento suficiente sobre isso para interpretá-los. Eu queria ter experiência com tudo o que a vida tinha a oferecer e naquele momento minha filosofia era simplesmente viver a vida da maneira mais completa que eu pudesse. Durante esses anos eu nunca usei um relógio. Eu vivia em uma zona fora do tempo, controlada apenas pelo nascer e pôr-do-sol.

Eu finalmente retornei à baía de Arugam onde eu estava entusiasmado por fazer parte como membro de uma tripulação em uma escuna de 27 metros chamada de “Constelação”. Nós velejamos pelo Sri Lanka no meio da noite rumo à África e vinte e seis dias depois nós chegamos ao Porto Louis Harbour, na Ilha Mauritius.



Baía de Tamarin

Eu passei várias semanas vivendo na Baía Tamarin em Mauritius entre pescadores Creoles e surfistas. O Hashishe (Maconha) nos dava um laço em comum e eles me aceitaram em suas vidas e me ensinaram a mergulhar à noite nos recifes distantes. Mergulhar à noite é uma experiência incrível. O lagostim (camarão) aparece à noite e você pode cegá-lo com sua lanterna embaixo d’água e simplesmente pegá-lo com as mãos. Os peixes vão dormir à noite e você só precisa decidir qual deles você quer lançar para o jantar. Era um esporte fantástico e nós vendíamos nossas presas para o hotel local de turistas.



Típicos frutos-do-mar colhidos em Mauritius

Após várias semanas de surf na Baía de Tamarin para satisfazer meu coração, eu já estava ficando sem dinheiro. Então segui para o Sul da África onde encontrei um trabalho para ensinar surf a vela e esqui aquático. Surpreendentemente eles realmente me pagaram para fazer isso! Eu surfei nas baías de Jeffrey e de Elands e visitei algumas das reservas selvagens mais famosas do Sul da África.

Meu desejo era viajar por toda a África até a Europa, mas meus planos foram completamente mudados quando eu tive notícias da Nova Zelândia de que meu irmão mais novo estava planejando se casar. Eu queria estar presente em seu casamento então eu decidi retornar à Nova Zelândia seguindo pela Ilha Réunion, Mauritius e Austrália.

Durante minha parada de viagem em Réunion, encontrei uma maravilhosa quebra de surf em St Leu onde eu peguei ótimas ondas e então segui para Mauritius. Era Março de 1982 e eu já estava viajando por quase dois anos, frequentemente dormindo em uma barraca na praia e vivendo com um nômade. Era hora de voltar pra casa.



Quebra de Surf em Mauritius

CAPÍTULO DOIS

A ÁGUA-VIVA CAIXA

*Todos os dias ordenados para mim
Foram escritos em Teu livro
Antes mesmo que um deles havia surgido.
Salmos 139:16 (NIV)*

De volta à Mauritius por algumas semanas, aluguei uma casa, reencontrei meus amigos Creoles e passei algum tempo surfando e fazendo mergulho noturno. Uma noite, há uma semana antes de eu partir para Nova Zelândia, um companheiro de mergulho veio até minha casa e me convidou para um mergulho noturno com ele. Eu caminhei até minha varanda e vi uma enorme tempestade elétrica enfurecendo-se no mar. Os relâmpagos elétricos brancos iluminavam o céu negro. Eu voltei a meu amigo Simon e perguntei, “Você tem certeza – você viu a tempestade?” Eu tinha medo de que a tempestade pudesse trazer ondas até o recife e se tornar perigoso. Mas Simon respondeu “Vai ficar tudo bem, nós vamos até cerca de 8 km da costa para uma área muito bonita do recife para o mergulho noturno. Você ficará maravilhado sobre o quanto lá é bonito”.



Simon

No final, ele me convenceu a ir. Era por volta de 11 horas da noite. Eu peguei meu equipamento de mergulho, pulei no barco e lá fomos nós – Simon, outro mergulhador local, o garoto que comandava o barco e eu. Nós sobre-passamos a costa para a área que Simon havia falado. Estávamos a cerca de 800 metros dessa ilha. O barco estava localizado em uma pequena piscina de água e nós íamos mergulhar na parte externa do recife, onde cai de forma gradual e inclinada no oceano. Era realmente tão bonito quanto Simon havia dito que seria.

Então nós mergulhamos. Eu fui à direção norte dos recifes e meus dois amigos foram para o sul. Normalmente nós permanecemos juntos, mas por alguma razão nós nos separamos. Eu procurava pelo lagostim quando minha lanterna iluminou nas águas escuras uma criatura marinha muito estranha. Parecia uma lula. Curioso, eu nadei para perto do animal, estendi minha mão e o agarrei. Eu usava minhas luvas de mergulho e o espremi com meus dedos como se fosse uma água-viva. Enquanto ela escapava, eu observava intrigado, porque parecia uma água-viva esquisita. Ela tinha o que parecia ser uma cabeça de lula em forma de sino, mas sua parte traseira tinha forma de caixa e ela possuía dedos como se fossem tentáculos, transparentes e incomuns, que saiam detrás dela e se alongavam. Eu nunca havia visto esse tipo de água-viva antes, mas eu dei as costas a ela e continuei minha busca pelo lagostim.



Água-Viva Caixa

Enquanto eu virei minha lanterna para trás, em direção ao recife, rapidamente algo bateu contra meu antebraço como se eu tivesse recebido 1000 volts de eletricidade. Eu balancei ao redor para ver o que era. Eu vestia uma roupa de mergulho com mangas curtas, então a única parte do meu corpo que não estava coberta pela roupa de mergulho eram meus antebraços. Algo havia roçado sobre mim e me ferido com incrível intensidade. Era como se eu tivesse parado em cima de um piso molhado, descalço, e encostado minha mão exatamente contra cabos elétricos. Eu recuei daquilo com medo, e

procurei freneticamente com minha lanterna para descobrir o que era ou onde estava, mas eu não podia ver o que havia me atingido.

“Será que algo me mordeu, ou eu me cortei no recife?” Eu olhei para meu braço para ver se havia algum sangue, mas não havia nada, apenas uma dor palpitante. Eu esfreguei o local, o que foi uma das piores coisas que eu poderia ter feito, pois serviu para espalhar o veneno em minha corrente sanguínea. A partir de então parecia que a dor tinha adormecido então eu pensei, “Vou apenas pegar um lagostim e então vou voltar e perguntar ao garoto do barco o que era aquilo.” Eu não queria ficar paranóico; como mergulhador, eu sabia que era muito importante que eu não entrasse em pânico.

Então eu fui procurar pelo lagostim. Enquanto eu estava mergulhando novamente eu vi a mesma espécie de águas-vivas que eu havia visto alguns minutos atrás. Duas delas vinham lentas, misteriosas, pulsando em minha direção com seus longos tentáculos girando atrás de si. Pelo canto do meu olho eu vi seus tentáculos entrelaçando meu braço. Enquanto tocaram meu braço, eu fui novamente sacudido por um impressionante choque elétrico. Estive prestes a perder a consciência dentro d’água. Imediatamente eu descobri o que havia me atingido da primeira vez!

Devido a minha experiência como salva-vidas eu sabia que algumas águas-vivas eram extremamente venenosas. Quando criança eu tive febre alta e tive grandes reações alérgicas então, se eu fosse ferido por uma abelha, minha perna elevaria como um balão. Então eu comecei a me alarmar porque eu possuía dois ferimentos distintos oriundos das águas-vivas. Eu alcancei a superfície da água, ofegante por ar, e levantei minha cabeça para procurar pelo barco. As nuvens da tempestade estavam se assentando e tornaram tudo escuro. Eu podia apenas distinguir o barco mais distante, para baixo do recife. Eu ergui meu braço e o posicionei atrás de minhas costas para poder retirá-lo da água. Não queria ser ferido novamente. Então comecei a nadar em direção ao recife, tentando combater o terror que estava sentindo. Enquanto nadava, senti algo se encaixar em minhas costas e então novamente um choque pulsou através de meu braço. Olhando em volta, vi tentáculos caindo. Eu havia sido ferido por uma terceira água-viva!

Eu coloquei minha lanterna de volta na água para não perder de vista o recife e, para meu horror, o feixe de luz de minha lanterna foi direto a uma porção de águas-vivas. Eu pensei, “Se algum desses atingir meu rosto, eu acho que nunca vou conseguir retornar ao barco”. Então eu coloquei a lanterna para cima, próxima a meu rosto, e nadei o máximo que consegui. Finalmente eu cheguei até o barco onde, desesperadamente, indaguei ao jovem garoto, em meu melhor francês e Creolês, perguntando se ele sabia o que era aquela água-viva. Ele não conhecia porque não era um mergulhador, apenas balançou

sua cabeça e apontou para meu amigo Simon na água. Então eu tive que voltar à água e nadar até ele.

Eu podia vê-lo dentro d'água, então direcionei minha lanterna em seu rosto para chamar sua atenção. Ele veio até à superfície e exclamei a ele, "Eu quero sair!" Eu coloquei minha cabeça de volta na água para voltar para o barco e logo à frente do meu rosto havia outra água-viva agitando-se para mim. Eu tinha que escolher, ou ela iria atingir o meu rosto ou o meu braço. Então eu levantei o meu braço para cima e recebi outro choque agonizante enquanto eu a empurrava para longe. Daí me esforcei para alcançar o recife.

Cerca de meio metro de água cobria o recife em questão. Eu permaneci lá em minhas nadadeiras e olhei para meu braço, que naquele momento estava inchado como um balão por lesões através da pele como se fossem bolhas de queimadura. Parecia, no entanto, que eu havia me queimado naquela região circular do fogão exatamente onde os tentáculos foram arrastados.

Enquanto eu olhava os ferimentos, meu amigo Simon veio andando em suas nadadeiras sobre o recife em minha direção. Ele estava vestindo uma roupa de mergulho completamente fechada, assim como todos eles usavam porque vinham dos trópicos e a água parecia gelada para eles. Ele olhou para meu braço e então olhou para mim. Ele perguntou sem fôlego, "Quantos foram? Quantas vezes você foi ferroadado?" Eu respondi, "Quatro vezes, eu acho." Ele disse, "Invisíveis? Eram transparentes?" Eu respondi, "Sim, pareciam invisíveis." Simon abaixou a cabeça, a segurou com a mão e xingou. Ele disse "Uma ferroadada e você está acabado, apenas uma!" Ele posicionou sua lanterna em direção ao rosto e eu pude ver em seu semblante a seriedade da situação. Eu disse, "Bem, o que eu estou fazendo com quatro ferroadadas no meu braço, então?"

Simon estava em pânico, e eu estava em pânico porque ele havia sido um mergulhador por muitos anos e eu confiava em seu conhecimento sobre o mundo marinho. "Você tem que ir ao hospital." Ele disse, "Aller, aller, vite." O hospital principal ficava à cerca de 24 km de distância, era meio da noite e eu estava à 800 metros do mar em um recife. Eu podia ouvi-lo dizer "vá", mas me senti paralisado em pé ali. Ele estava tentando me levar de volta para o barco. Enquanto ele me arrastava eu percebi que meu braço direito estava literalmente paralisado e eu não podia levantá-lo para fora da água. Naquele momento, eu tentava arrastar meu braço para cima, fora da água e dentro do barco, quando uma quinta água-viva surgiu e causou outra lesão em meu antebraço já desfigurado.

Em meu coração eu pensei, “O que eu fiz para merecer isso?” Então eu tive uma retrospectiva de todos os meus pecados. Eu sabia instantaneamente o que eu havia feito errado. Havia muitas coisas que eu havia feito para merecer isso. Você não fica ileso de nada do que faz.

Meus dois amigos levantaram o barco para cima do recife comigo dentro. O fundo estava se rasgando. Era um barco feito em madeira, e era seu ganha-pão, então eu sabia que a situação era bem séria para que os levasse a fazer isso. Eles levantaram o barco para dentro da piscina natural onde eu estava nadando, tentando empurrar o barco para fazê-lo ir. Eu disse, “Venham comigo!” Mas eles responderam, “Não, está muito pesado, vá com o garoto para que ele o leve em terra firme”. Então este jovem garoto remou o barco até terra firme com uma vara.



Barco de madeira em Maurítius

Eu me sentia como se estivesse pegando fogo. Eu podia sentir o veneno passando por minha corrente sanguínea e punçando na parte interna do meu braço. Uma glândula linfática estava sendo atingida. Estava se tornando cada vez mais difícil respirar por meu pulmão direito. Eu sentia meu pulmão direito comprimido pela roupa de mergulho então eu desfiz minha roupa com meu braço esquerdo, despindo-me e colocando apenas minha calça enquanto eu ainda podia me mover. Minha boca estava seca e eu me sentei, pingando suor. Eu podia sentir o veneno se movendo. Eu podia sentir uma dor afiada em minhas costas assim como se alguém tivesse me atingido nos rins. Eu tentava não me movimentar, tentava não entrar em pânico. Estávamos apenas à metade do caminho da margem da praia e o veneno já estava pulsando e se movendo por meu sistema sanguíneo.

Eu não sabia nem me importava em qual direção meu sangue entrava até aquela noite, e naquele momento me tornei muito interessado em saber para qual direção iria meu sangue! O veneno estava agora paralisando minha perna direita e eu tinha senso

comum suficiente para saber que se ele circulasse para baixo até minha perna e retornasse para cima até meu coração ou cérebro, então eu estaria com sérios problemas. Eu estava chegando à margem, minha visão estava embaçando. Eu tinha dificuldade em me concentrar. Nós finalmente atingimos a margem e eu me levantei para sair do barco, mas minha perna direita desmoronou por baixo de mim. Eu caí direto no lagostim que estava no fundo do barco. O garoto afastou-se para trás um pouco chocado, e então, fez um sinal para eu colocar meu braço em volta dele. Joguei meu braço em volta de seu pescoço e me segurei. Ele me arrastou para fora do barco até à praia e então na areia. Ele me levou até a estrada principal.

Era por volta de meia-noite. O local estava deserto – nenhum carro, nada. Eu me segurava no garoto e pensava como eu poderia dali chegar até o hospital sendo tão tarde da noite. Eu estava tão fraco em minha perna direita que me sentei na pista. O garoto tentou me ajudar, mas depois ele começou a apontar para o oceano novamente e dizer, “Meus irmãos, eu preciso buscá-los”. Eu disse, “Não, fique aqui e me ajude”. Eu sabia que os outros podiam nadar em segurança do recife até a margem porque as água-vivas estavam ao lado de fora dos recifes. Mas ele partiu e eu fui deixado sozinho ao lado da estrada e no meio da noite. A esperança que eu tinha esvaziou-se e eu me deitei para descansar.



Riviere Noire, onde o barco aterrou e lan foi deixado.

CAPÍTULO TRÊS

O TESTE DE TOLERÂNCIA

***Quando meu espírito esmorece em mim
É o Senhor quem conhece o meu caminho
No caminho por onde ando
Armaram-me um laço
Olha à minha direita e vê;
Pois não há quem se preocupe comigo
Eu não tenho refúgio
Ninguém se importa com minha vida
Salmos 142:3,4 (NIV)***

O cansaço me dominou enquanto eu olhava as estrelas. Eu estava à prestes de fechar meus olhos e dormir, quando escutei uma voz bem clara falar comigo e dizer, “Ilan, se você fechar os olhos você nunca mais irá acordar”. Eu olhei em volta esperando ver um homem parado lá, mas não vi ninguém. Eu me assustei e me livrei da sonolência e pensei, “O que estou fazendo? Eu não posso dormir aqui, eu tenho que chegar até o hospital, tenho que tomar anti-toxinas, tenho que encontrar ajuda. Se eu dormir aqui pode ser que realmente eu nunca mais acorde.”

Então eu tentei ficar de pé novamente. Eu fui capaz de mancar devagar até à estrada e encontrar alguns táxis estacionados em um posto de gasolina próximo a um restaurante. Eu avancei com dificuldade até o táxi e implorei aos taxistas para me levarem até o hospital. Os taxistas olharam para mim e disseram, “Quanto dinheiro você dará a nós?” Então eu disse, “Eu não tenho nenhum dinheiro” – falando alto para mim mesmo. Aí eu percebi que coisa tola foi admitir a esses homens que eu não tinha dinheiro. Eu poderia ter mentido, mas não o fiz, somente disse a verdade. Eu não tinha dinheiro. E os três motoristas apenas riram, “Você está bêbado, você é louco”. Eles deram as costas, acenderam seus cigarros e começaram a partir.



O posto de gasolina onde lan implorou por sua vida

Então eu ouvi uma voz bem clara novamente dizer, “lan, você está disposto a implorar por sua vida?” Eu certamente estava! E eu até sabia como fazê-lo. Eu já vivia no Sul da África tempo suficiente. Eu tinha visto os homens negros apertarem suas mãos e curvar suas cabeças ao homem branco e dizer, “Sim, Senhor, sim mestre”. Era muito fácil eu ajoelhar porque minha perna direita já estava paralisada e minha perna esquerda estava muito trêmula. Eu estava apoiado contra o carro, então apenas escorreguei, caí de joelhos e ergui minhas mãos em sinal de misericórdia. Abaixando minha cabeça, implorei por minha vida. Eu estava quase chorando, pois eu sabia que se não chegasse ao hospital, logo não chegaria a lugar algum. Se esses homens não tivessem compaixão, amor em seus corações e misericórdia para comigo, eu iria morrer ali mesmo, na frente deles.

Então eu supliquei e implorei a eles por minha vida. Com minha cabeça inclinada eu podia ver seus pés. Dois deles apenas foram embora. Mas eu podia ver um homem jovem movendo seus pés em indecisão. Ele se afastou por um tempo e depois voltou e me apanhou. Ele não disse nada, mas me ajudou a levantar, me colocou no carro e partiu. No entanto, na metade do caminho até o hospital, ele mudou de idéia e exclamou, “Em qual hotel você está hospedado homem branco?”. Eu respondi que não vivia em um hotel, mas em um bangalô na baía Tamarin. Ele pensou que eu estava mentindo para ele e ficou bravo – suspeitando que ele não receberia nenhum dinheiro de mim. “Como eu vou receber meu dinheiro?” ele replicou. Eu respondi, “Eu darei a você todo o dinheiro que eu tenho!” Quando sua vida está em jogo, dinheiro não significa nada. Eu disse, “Eu te darei todo o dinheiro que quiser se você me levar até o hospital. Darei tudo a você.” Mas ele não acreditou em mim.

Então ele mudou de idéia e me levou até um hotel grande de turistas. Ele disse, “Vou deixar você aqui; Eu não vou levar você.” Eu supliquei para que ele me levasse, mas ele se inclinou sobre mim, desatou meu cinto de segurança e abriu a porta. “Caia fora!”, ele ordenou. Mas eu não podia sair, pois mal conseguia me mover. Então ele me empurrou para fora. Minhas pernas agarraram no umbral da porta então ele as suspendeu, as empurrou, bateu a porta e arrancou o carro. Eu permaneci deitado ali e pensei, “Este mundo fede. Eu já vi morte, ódio, violência; isso aqui é o inferno, isso aqui é o inferno na terra. Este mundo em que vivemos é imundo e nojento.” Eu me deitei ali sem qualquer esperança. Eu pensei, “Qual é a razão de sequer tentar chegar ao hospital? Se você está prestes a morrer, apenas morra”.

Então veio a minha memória a lembrança de meu avô. Ele sobreviveu à Primeira e à Segunda Guerra. Ele esteve em Galípoli e lutou no Egito contra os Romanos. Eu me lembrei disso e pensei em como meu avô sobreviveu a duas guerras mundiais e aqui estava seu neto desistindo por causa de cinco miseráveis águas-vivas que o havia ferido! Pensar em meu avô revigorou minha coragem e eu resolvi não morrer sem fazer o que quer que eu pudesse para conseguir ajuda. Usando meu único braço que ainda se movimentava eu tentei rastejar até a entrada do hotel. Eu podia ver algumas luzes acesas. Para minha surpresa, os seguranças locais faziam ronda e suas lanternas me encontraram ao chão, arrastando-me entre a sujeira.

Um homem correu até mim. Eu olhei para cima e o reconheci como sendo um dos meus amigos de bebedeira. Ele era um homem negro chamado Daniel, um homem forte e grande. Ele veio correndo até mim e perguntou, “O que aconteceu com você? Você está bêbado? Você está chapado? O que há de errado com você?” Eu arregacei minha blusa de moletom para mostrar a ele meu braço e ele pôde ver as feridas e inchaços. Ele me carregou no colo e correu.

Foi como se um anjo tivesse me carregado. Ele correu para dentro, passou pela piscina do hotel e me colocou em uma cadeira. A cerca de três metros dali, os donos do hotel chinês estavam jogando Majongue e bebendo. Todos os turistas haviam ido dormir, o bar estava fechado, mas eles ainda estavam lá fazendo suas apostas.



Ian e Daniel ao lado de fora do hotel em 1994.

Daniel me deixou lá e desapareceu na escuridão novamente. Eu imaginava onde ele teria ido, mas então me lembrei que um homem negro não podia dirigir a palavra a um homem chinês naquele país a menos que ele fosse indagado a falar. Eu teria que me comunicar com aqueles chineses sozinho. Então eu arregacei minhas mangas e mostrei meu braço inchado e ferido. Eu disse, “Eu preciso ir até o hospital ‘Quatre Bonne’ imediatamente, eu fui ferido por cinco águas-vivas.” Eu até falei um pouco de chinês. Eles riram. Um dos jovens homens levantou e disse, “Ah, garoto branco, heroína não é bom para você, apenas homens velhos usam ópio.” Ele pensou que eu estava drogado porque mostrei a eles meu braço ferido e daquela distância parecia que eu havia injetado algo em mim mesmo.

Eu já estava ficando furioso e frustrado com tudo isso. Eu sentei ali tentando me acalmar, porque eu sabia que se ficasse muito excitado o veneno poderia mover-se mais rapidamente por minha corrente sanguínea. Minha mão direita começou então a tremer. Eu comecei a contorcer os dedos, como se fossem espasmos. As convulsões atingiram meu braço e então meu rosto, meus dentes começaram a ranger. Rapidamente todo o meu corpo, cada músculo, começou a contorcer-se e contrair-se com os calafrios da morte. Eu literalmente pulei do assento por causa da contração, uma vez que o veneno reagia em meus músculos. Os homens chineses vieram correndo e três deles tentaram me segurar. Mas eles não conseguiram me conter; eu os empurrava.

Quando apareceu esse incrível tremor em meu corpo, um frio mórbido arrastou-se no interior de meus ossos. Era como se a morte se arrastasse sobre mim. Eu sabia que meu corpo estava morrendo, bem diante dos meus olhos. Eu sentia muito frio.

Os homens começaram a colocar cobertores por cima de mim, tentando me aquecer. Um deles tentou derramar leite em minha garganta, presumindo que eu tivesse ingerido toxinas. Eu podia ver um veículo no estacionamento do hotel e sabia a qual homem ele pertencia pois ele frequentemente me dava carona e parecia ser o som de sua buzina. Eu implorei a ele que me levasse até o hospital, mas ele se recusou. Ele queria que eu esperasse pela ambulância. Eu estava tão furioso que queria bater nele, mas não podia mover nenhum de meus braços. Até pensei em lhe dar uma cabeçada, mas sabia que a adrenalina que isso iria provocar poderia me matar.

Em um curto espaço de tempo a ambulância chegou e, no meio do nada, Daniel apareceu com outro segurança. Eles me apanharam em seus braços e me levaram até a parte de trás do hotel. Eu então percebi que o próprio Daniel havia ido direto para a mesa telefônica e ligado para o hospital.



Hotel da Baía de Tamarin

A ambulância chegou até o estacionamento com a sirene ligada e suas luzes vermelhas acesas, deu uma volta, parou em frente ao hotel, e então partiu em seguida! O motorista da ambulância provinha de um hospital de negros e quando viu que não havia ninguém na porta do hotel chinês para coletar, obviamente pensou que havia pegado as instruções erradas.

Então ali estava eu, desesperado, a meio caminho dos portões, e podia ver a ambulância desaparecer pela esquina afora. Eu tentei assoviar, mas minha boca estava tão seca que eu não podia produzir nenhum som. Daniel viu o que eu estava tentando fazer e assoviou o mais alto que podia. O som ricocheteou da parede até a estrada. O

motorista da ambulância deveria estar com sua janela aberta porque as luzes vermelhas de freio acenderam e, para meu alívio, ele retornou. A ambulância era um Renault 4 velho com o assento-frente do passageiro removido e uma maca colocada no lugar. “É isso, gente, essa é a ambulância!”

Eu não estava preocupado. Eu não me importava com o que me levaria até lá. O motorista nem sequer saiu da ambulância. Ele se inclinou, abriu a porta, e Daniel me deixou lá dentro na maca. Não, “Como está sua mãe? Como você está? Você quer um cobertor? O que você tem?” Ele era apenas o motorista e não dizia nada. Eu tentava não fechar os olhos, sabendo que eu tinha que permanecer acordado até receber anti-tóxicos. Se apenas eu conseguisse ficar vivo até chegar ao hospital.

CAPÍTULO QUATRO

O PAI NOSSO

*Pai nosso que estais no céu
Santificado seja o Teu nome
Venha o Teu reino
Seja feita a Tua vontade
Assim na terra como no céu
O pão nosso de cada dia nos dá hoje
E perdoai os nossos pecados
Assim como nos perdoamos a quem pecou contra nós
Não nos deixe cair em tentação
Mas livra-nos do mal
Porque Teu é o reino
O poder e a glória
Para todo o sempre
Amém*
(Adaptado de Mateus 6: 9-13)

Nós estávamos na metade do caminho até o hospital e o Renault estava subindo um morro. Meus pés subiam para o alto e o veneno em meu sangue estava começando a correr em direção a meu cérebro. Eu comecei a ver uma imagem na minha frente, de um garoto de cabelos quase brancos, e então vi outra imagem de um garoto mais velho com cabelos brancos. Eu estava olhando para esta imagem e pensando, “Ei, ele tem cabelos brancos”, e rapidamente percebi que eu estava olhando na verdade para mim mesmo, eu estava vendo minha própria vida retrocedendo. Foi uma experiência assustadora assistir imagens de minha vida passando como se fossem um filme, claro e nítido, com meus olhos bem abertos. Eu olhava e pensava, “Eu já havia ouvido algo sobre isso, e já havia inclusive lido a respeito. Pessoas dizem que quando se está prestes a morrer, sua vida toda passa diante de seus olhos”.

Meus pensamentos corriam. “Sou muito jovem para morrer, por que eu fui mergulhar? Que idiota, eu deveria ter ficado em casa.” Naquela hora eu sabia que estava confrontando com uma morte iminente. Eu mal podia ouvir meu coração bater e me deitei ali imaginando o que aconteceria se eu morresse. “Há alguma coisa após a morte?” “Para onde eu vou se eu morrer?”

Então eu tive uma visão clara de minha mãe. Era como se ela estivesse ali dizendo essas palavras que ela já havia me dito há muito tempo atrás; “Ian, não importa quão distante de Deus você esteja, não importa o que você tenha feito de errado, se você clamar a Deus com todo o seu coração, ele irá ouvir você e perdoar você.”

Em meu coração eu pensava, “Eu acredito que exista um Deus? Eu devo começar a orar?” Eu quase havia me tornado um ateu devoto. Eu não acreditava em ninguém. Mesmo assim, eu me confrontava com aquela visão de minha mãe. Eu conversei com minha mãe depois sobre isso que aconteceu quando voltei para a Nova Zelândia. Ela disse que acordou de madrugada, na mesma manhã. Deus havia mostrado a ela meus olhos cobertos com sangue e disse a ela, “seu filho mais velho Ian está quase morto. Ore por ele agora.” Então ela esteve orando por mim naquele exato momento que eu estava morrendo na ambulância.



Mãe de Ian

Claro, agora suas orações não poderiam salvar minha alma. Ela não podia fazer com que eu fosse para o céu. Mas eu sabia que, naquele momento, eu precisava orar. Só que eu não sabia o que orar ou para quem orar. Para qual deus eu deveria orar? Buda? Kali? Siva? Existem milhares deles. Mesmo assim, eu não via Buda ou Krishna ou algum outro deus ou homem parado lá, eu via apenas minha mãe – e minha mãe seguia a Jesus Cristo. Eu me perguntava o que deveria orar. Eu não orava há anos. O que você ora numa hora dessas? Qual é a prece que você diz quando está prestes a morrer?

Então eu me lembrei que quando era criança minha mãe me ensinou o Pai Nosso. “Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o teu nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu...” Eu conhecia esta oração desde

criança – Eu a usava para apostar corrida com meus irmãos todas as noites, para ver quem conseguia dizê-la mais rápido! Esta era a única prece que eu conhecia. Eu comecei a orá-la, mas eu não conseguia lembrá-la. Era como se o veneno tivesse atingido minha cabeça e inibido minha capacidade de pensar. Estava apagando minha mente, era horrível. Eu havia exercitado tanto minha mente e meu intelecto e agora, de repente, ela estava morrendo em mim. Branco mental. Zero.

Enquanto eu estava deitado ali em lembrei de minha mãe dizer que não se ora com a cabeça, mas com o coração, então eu pedi a Deus que me ajudasse a orar. Imediatamente esta oração surgiu do meu interior, do meu espírito. Eu orei, “Perdoai as nossas ofensas.” Então eu continuei, “Deus, eu peço ao Senhor que perdoe meus pecados, porque eu fiz tantas coisas erradas. Eu sei que elas eram erradas, minha consciência me diz que elas foram erradas. Se o Senhor puder perdoar todos os meus pecados, e eu não sei como o Senhor pode fazer isso – Eu não tenho a menor idéia de como o Senhor pode perdoá-los, mas, por favor, perdoe meus pecados”. E eu realmente falava sério. Eu queria apagar o passado e deixá-lo limpo, começar de novo. “Deus me perdoe.”

Enquanto eu orava aquilo, eu peguei outra parte da oração. “Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.” Eu entendi que aquela parte significava que eu deveria perdoar aqueles que me machucaram. Eu pensei, “Bem, eu não guardo rancores.” Um montão de pessoas me enganou, me apunhalou pelas costas e falou mal de mim – Eu perdôo todas elas.” Então eu ouvi esta pergunta, “Você irá perdoar o indiano que te empurrou do táxi e o chinês que se recusou a levar você até o hospital? ”Eu pensei, “Você deve estar brincando! Eu tinha outros planos para eles!” Mas pensei bem e disse, “Ok, eu vou perdoá-los. Se o Senhor pode me perdoar, eu posso perdoá-los. Eu vou perdoá-los. Eu nunca encostarei uma mão neles.”

A próxima parte da oração veio à minha mente, “Seja feita a vossa vontade.” Eu havia feito a minha vontade pelos últimos 20 anos. Eu disse, “Deus, eu nem sequer sei qual é a sua vontade – eu sei que não é fazer coisas más, mas eu não tenho idéia de qual seja a sua vontade. Se eu sobreviver, eu vou descobrir qual é a Tua vontade para minha vida e vou segui-la. Eu farei questão de seguir Tua perfeita vontade se eu sair dessa.”

Eu não entendia isso na época em que aconteceu, mas esta foi minha oração para a salvação. Não por minha cabeça, mas por meu coração, dizendo, “Deus, perdoe-me por minha maldade e perversidade cometidas. Deus me limpe. Eu perdôo a todos que me

magoaram. E Jesus Cristo, eu farei a Tua vontade – Seja feita a Vossa vontade. Eu seguirei ao Senhor.” Eu havia feito a oração do pecador, uma oração de arrependimento a Deus, e fazer aquela oração foi essencial para tudo mais que aconteceu comigo.

Uma paz incrível veio sobre meu coração. Parecia como se o medo tivesse me abandonado, o medo do que viria em seguida. Eu ainda estava morrendo, sabia disso, mas eu estava em paz com isso. Eu havia feito as pazes com meu Criador. Eu sabia disso, eu sabia pela primeira vez que eu havia tido um relacionamento com Deus e na verdade eu podia ouvi-lo. Eu nunca havia O ouvido antes, mas agora eu podia ouvi-lo falar a mim. Ninguém mais poderia ter me ajudado a fazer aquela oração, a oração do Pai Nosso.

CAPÍTULO CINCO

O LIVRAMENTO FINAL

***Você pode entrar no Reino dos Céus apenas pela porta estreita.
O caminho que conduz ao inferno é largo e seu portão é amplo
Para aqueles que escolhem o caminho da perdição.
Mas a porta para vida é pequena,
E sua estrada é estreita,
E poucos são
Os que a encontram.
Mateus 7:13,14 (NLT)***

A ambulância saiu da Estrada e chegou ao hospital. Finalmente consegui! O motorista levantou-me até uma cadeira de rodas e correu comigo para a área de emergência. Uma enfermeira começou a tirar minha pressão sanguínea. Enquanto eu estava lá assentando, assistindo a enfermeira, ela olhou para o medidor e então bateu nele. Eu pensei, “Que tipo de hospital é este?” Era um hospital militar velho, da Segunda Guerra Mundial, que os britânicos haviam desertado e dado aos Creoles. Parecia ter sido construído em 1945 e havia recebido muito pouca manutenção desde então. Ele era sujo e decadente e mesmo assim, ali estava eu.



Ian na entrada do hospital em 1994

A enfermeira bateu no medidor de pressão novamente e eu percebi que não havia nada de errado com o aparelho, o problema era que meu coração não estava batendo forte o suficiente para o registro. Ela arrancou o medidor e procurou pelo armário, tentando encontrar outro que parecesse mais novo. Ela puxou um para fora, bateu nele, o abriu e começou a bombeá-lo. Ela olhou para mim, e então olhou para o aparelho. Meus olhos estavam abertos, mas eu sabia que ela estava se perguntando por que eles estavam abertos. Com este tipo de pressão sanguínea seus olhos não podem estar abertos. Eu estava desesperadamente me segurando. Eu me segurava por tudo o que eu valia. Eu estava lutando com toda a minha força para permanecer vivo.

Então o motorista da ambulância, percebendo a situação se desesperou, arrancou o medidor de meu braço e correu comigo até os médicos. Dois médicos indianos estavam assentados ali, ambos sonolentos, com as cabeças abaixadas. Um perguntou em francês: “Qual é seu nome? Onde você mora? Quantos anos tem?” Ele era um médico jovem e nem sequer olhou para mim. Eu olhei para o médico mais velho. Ele tinha um pouco de cabelos grisalhos então eu pensei, “Ele trabalha como médico há algum tempo, então deve saber como me ajudar.” Então esperei. O jovem médico parou de conversar e ergueu a cabeça. Ele olhou para cima. Eu não estava certo se tinha força suficiente para falar. Então me fixei em seus olhos e dei a ele o olhar mais pesado que consegui. Eu sussurrei, “Estou prestes a morrer, eu preciso de anti-tóxicos agora.” Ele não se moveu. Eu não tirei meus olhos dele e ele apenas me encarou de volta.

A enfermeira veio com um pedaço de papel. O médico mais velho olhou para ele, olhou para mim e pulou. Eu pude ver ele se contrair com repulsa. Ele empurrou o motorista da ambulância, agarrou a cadeira de rodas e começou a correr comigo pelo corredor. Eu podia ouvi-lo gritar algo, mas senti como se todo o barulho tivesse se abafado. Meus sentidos estavam começando a falhar.

O médico correu até um quarto composto por garrafas e equipamentos médicos. No minuto seguinte eu estava cercado por enfermeiras, médicos e assistentes. Finalmente algo estava acontecendo. Uma enfermeira virou meu braço e aplicou soro. O médico estava muito próximo a meu rosto e dizia, “Não sei se pode me ouvir filho, mas vamos tentar salvar sua vida. Mantenha seus olhos abertos... vamos lá filho, lute contra o veneno. Tente e permaneça acordado, estamos injetando glicose pela desidratação.” O médico dizia às enfermeiras, “Anti-tóxicos para neutralizar o veneno” em seu inglês

britânico. Uma enfermeira picava uma agulha em um lado e outra enfermeira estava do outro lado, também picando a agulha. Eu não podia senti-las mas podia vê-las fazendo isso.

Outra enfermeira ajoelhou-se a meus pés, batendo em minha mão o mais forte que podia. Eu pensava, “O que ela está fazendo?” Mas não me importava, “apenas enfie as agulhas!”

Uma enfermeira atrás de mim estava enchendo uma seringa, como a do tamanho de uma seringa de cavalo. Ela estava apertando o ar para fora e tentava enfiá-la em meu braço, mas não encontrou nenhuma veia. Então ela puxou minha pele para cima, colocou a agulha e começou a injetar o líquido. Isso encheu minha veia como um balão pequeno. Eu pude perceber o quanto ela estava nervosa porque a agulha estava dentro da veia e parecia que a mesma tremia tanto que minha veia seria rasgada.

Ela largou aquela agulha e alguém passou para ela outra agulha. Novamente, isso inchou minha veia. A enfermeira olhou para o médico e disse, “Mais uma?” O médico fez sinal positivo com a cabeça. Então ela tentou mais uma vez. A enfermeira estava então tentando massagear o local, mas a veia estava, na verdade, escapando de seu dedo. Ela não podia fazer com que o anti-tóxico chegasse ao sangue, porque não havia sangue se movendo.

Meu coração, obviamente, não estava bombeando sangue suficiente para o corpo. Minhas veias estavam em colapso. Eu estudei ciência veterinária em minha graduação e entendia de fisiologia básica e anatomia. Eu entendia o que estava acontecendo, mas eu não podia fazer nada a respeito. Eu entendia que estava entrando em coma. Estava totalmente paralisado, e meu coração mal bombeava. Eu via as agulhas, e sentia-me cada vez mais distante. Eu não podia me comunicar mais, não podia dizer uma palavra, mas ainda podia ouvir tudo o que estava sendo dito a minha volta.

Eu não tinha idéia de o que me havia ferroadado era uma água-viva caixa. Esse tipo de água-viva é o segundo animal mais venenoso e mortífero conhecido pelo homem. Ser ferroadado apenas uma vez já matou mais de 60 pessoas somente na cidade de Darwin nos últimos 20 anos. Por seis meses do ano são colocados avisos com caveiras e ossos cruzados nas praias de Darwin para prevenir aos banhistas de irem até a água nadar. Eu tinha toxinas suficientes para me matar cinco vezes seguidas. Normalmente, uma pessoa morre dentro de quinze minutos desde a ferroadada inicial e eu não tinha ferroadadas apenas em meus músculos, tinha bem em cima de minhas veias.

O médico me dizia para não ter medo, mas eu podia ver a paranóia em seus olhos. Eu fui levantado e colocado em uma cama com o soro em meu braço. Este soro que haviam colocado trazia de volta líquido ao meu corpo e minha testa começou a suar. O médico retirou o suor de meu rosto, mas em seguida saiu por alguns minutos. Enquanto eu estava deitado ali, podia sentir o suor escorrer para dentro de meus olhos, como lágrimas, e minha visão começou a embaçar.

Eu sabia que tinha que manter meus olhos abertos. Eu queria que o médico voltasse e enxugasse meu rosto, mas ele não retornou. Eu tentei falar, mas meus lábios não se moviam. Eu tentei inclinar minha cabeça, mas ela não se movia. Eu removi um pouco do suor com minha pálpebra e permaneci esfregando minhas pálpebras fechadas. Funcionou um pouco, mas de repente, eu suspirei, como um suspiro de alívio e sabia que algo havia acontecido.

CAPÍTULO SEIS

A ESCURIDÃO

***A luz veio ao mundo,
E os homens amaram mais as trevas do que a luz,
Porque as suas obras eram más.***
João 3:19 (NIV)

***Muitos... serão lançados nas trevas exteriores,
Ali haverá pranto e ranger de dentes.***
Mateus 8:12 (NLT)

Eu sabia que estava liberto; a batalha para permanecer vivo havia acabado. Eu sabia que tinha ido para outro lugar, pois não era como se eu tivesse fechado meus olhos e ido dormir, eu sabia que, na verdade, estava em outro lugar. Nos 20 minutos anteriores em que estava no hospital, senti como se estivesse flutuando, mas quando fechei os olhos percebi que não flutuava mais – eu tinha partido.

A Bíblia diz em Eclesiastes, que quando o homem morre, seu espírito volta à Deus, quem o deu, e seu corpo volta ao pó de onde veio. Bem, eu sabia que meu espírito havia partido, eu havia ido para outro lugar, mas ainda sim não sabia que estava morto.

Parecia que eu estava em um lugar enorme e vasto, como o corredor de uma caverna, em um breu escuro e negro. Eu estava de pé. Era como se tivesse acordado de um sonho ruim na casa de outra pessoa, e me perguntava para onde haviam ido todos. Eu tentava encontrar o interruptor de luz, mas não conseguia encontrar. Eu me perguntava por que o médico havia apagado as luzes. Eu tentava tocar alguma coisa, alcançar a lâmpada do teto, mas não conseguia encontrar. Então percebi que não conseguia encontrar minha cama. Eu movia para os lados, mas não esbarrava em nada – Eu não podia segurar em nada tangível.

Eu me esforçava para ver onde estava – tentando orientar-me naquele ambiente. Estava tão escuro que não podia ver minha mão na frente do meu rosto e estava amargamente frio. Eu levantei minha mão para ver até onde podia enxergar. Eu a ergui até a altura de meu rosto e ela atravessou diretamente onde meu rosto deveria estar.

Era uma experiência aterrorizante. Eu sabia naquele momento que era eu mesmo, Ian McCormack, parado ali, mas sem um corpo físico. Eu sentia como se tivesse um corpo, mas não podia tocá-lo. Eu era um ser espiritual, e meu corpo físico havia morrido, mas eu estava muito vivo e bem ciente de que tinha braços, pernas e uma cabeça, mas eu não podia mais tocá-los. Deus é um espírito, um ser espiritual invisível, e nós fomos criados à sua imagem.

“Onde na terra eu estava?” Pensei. Eu estava ali, de pé no escuro, e sentia o frio mais pavoroso e aterrorizante vir sobre mim. Talvez você já andou por uma rua deserta à noite, indo para casa no escuro, e teve a sensação de que alguém estava olhando para você. Já se sentiu assim? Bem, eu comecei a sentir o mal me invadindo no escuro. A escuridão parecia invasiva. Eu sabia que estava sendo vigiado. Um mal horripilante parecia invadir e penetrar o ar em volta de mim.

Aos poucos eu me dei conta de que havia outras pessoas se movendo em minha volta, no mesmo apuro em que eu estava. Sem que eu dissesse uma palavra em voz alta, eles começaram a responder meus pensamentos. Da escuridão eu escutei uma voz gritando para mim: “Cale a boca!” Enquanto me afastei daquela, outro gritou a mim, “Você merece estar aqui!” Ergui meus braços para me proteger e pensei, “Onde estou?” E uma terceira voz gritou, “Você está no inferno. Agora cale a boca.” Estava aterrorizado – com medo de me mover, respirar ou falar. E percebi que talvez eu realmente merecesse aquele lugar.

Algumas pessoas têm uma visão estranha do inferno como sendo a “hora da festa”. Eu costumava pensar assim. Achava que no inferno você iria poder fazer todas as coisas que não se pode fazer na terra. Mas isso está tão distante da realidade. O lugar em que eu estava era o mais assustador que eu já estive. As pessoas ali não podiam fazer nada que seus corações pecaminosos quisessem fazer. Elas não podiam fazer nada. E não havia nada a se gabar. Não há nada para conversar quando você sabe que o julgamento está próximo.

Não havia relacionamentos a se fazer naquele lugar. As pessoas dali não sabiam dizer que horas eram. Elas não sabiam dizer se estavam ali por dez minutos ou dez mil anos. Eles não tinham noção do tempo. Era um lugar horripilante. A Bíblia diz que existem

dois reinos, o Reino das Trevas, que é governado por Satanás, e o Reino da Luz. O Livro de Judas explica que o inferno foi, na verdade, criado para os anjos que desobedeceram a Deus, não para pessoas, nunca. Era o lugar mais pavoroso e terrível em que eu já havia estado. Eu nunca desejaria, nem ao pior inimigo, que fosse para o inferno.

Eu não fazia idéia de como sair daquele lugar. Como se sai do inferno? Mas eu já havia orado, e eu me perguntava por que havia ido para lá, porque eu havia orado antes de morrer e pedido a Deus que perdoasse meus pecados. Eu chorava naquele instante e clamei a Deus, “Por que estou aqui, eu pedi perdão ao Senhor, por que estou aqui? Eu voltei meu coração ao Senhor, por que estou aqui?”

Então uma luz brilhante iluminou sobre mim e literalmente me extraiu da escuridão. A Bíblia diz no Livro de Isaías que uma grande luz havia brilhado na escuridão, sobre aqueles que andavam à sombra da morte, e guiou seus pés até caminhos de paz e virtude. Enquanto eu estava ali, um maravilhoso raio de luz veio sobre mim, penetrou na escuridão e iluminou meu rosto. Esta luz começou a me cercar e uma leveza começou a me inundar. Eu saí do chão e comecei a subir em direção àquela luz branca e brilhante, como uma partícula de pó capturada pelos raios de sol.

CAPÍTULO SETE

A LUZ

***Porque Deus, que disse
“Haja luz na escuridão,”
nos fez entender que essa luz
é o brilho da glória de Deus
que é visto na face de Jesus.***

2 Coríntios 4:6 (NIV)

Enquanto olhava para cima podia ver que estava sendo levado até uma abertura acima de mim, em formato grande e circular – como um túnel. Eu não queria olhar para trás para não cair de volta na escuridão. Eu estava muito feliz em sair da escuridão.

Pela entrada do túnel eu podia ver que a fonte de luz estava emanando do final do túnel. Parecia inexplicavelmente brilhante, como se fosse o centro do universo, a fonte de toda a luz e poder. Era mais brilhante que o sol, mais radiante que qualquer diamante, mais claro que um raio laser. Mesmo assim, eu podia olhar diretamente para lá. Enquanto eu olhava, era literalmente atraído para lá, atraído como uma mariposa é atraída para a presença de calor. Eu estava sendo puxado pelo ar em uma velocidade surpreendente até o final do túnel – até a fonte de luz.

Enquanto eu era transportado pelo ar, podia ver sucessivas ondas de abundante intensidade de luz romper a fonte e começarem a viajar pelo túnel em direção a mim. A primeira onda de luz havia me dado uma maravilhosa sensação de calor e conforto. Era como se a luz não fosse apenas material, mas fosse uma “luz viva” que transmitia emoção. A luz passou por mim e preencheu-me com amor e aceitação.

Na metade do caminho, outra onda de luz penetrou-me. Essa luz me deu total e completa paz. Por muitos anos, eu havia buscado pela “paz de espírito”, mas havia apenas encontrado momentos passageiros disso. Na escola eu havia lido de Keats a Shakespeare para tentar encontrar “paz de espírito”. Eu havia tentado com o álcool, havia tentado com a educação, havia tentado com os esportes, havia tentado com relacionamentos com mulheres, havia tentado com drogas, havia tentado com tudo que

pudesse imaginar para encontrar paz e satisfação na minha vida, e eu nunca havia encontrado. Agora, do topo da minha cabeça até a base de meus pés eu me encontrava totalmente em paz.

Na escuridão eu não consegui ver minhas mãos a frente de meu rosto, mas agora, enquanto olhava à minha direita, para minha surpresa, lá estava meu braço e minha mão – e eu podia ver através deles. Eu estava transparente como um espírito, apenas meu corpo estava cheio da mesma luz que estava brilhando em mim pelo final do túnel. Era como se eu estivesse cheio de luz. Uma terceira onda partiu da fonte principal de luz enquanto eu me aproximava do final do túnel. Esta onda me atingiu e alegria completa preencheu o meu ser. Eu estava tão entusiasmado que sabia que o que eu estava prestes a ver seria a experiência mais surpreendente de toda a minha vida.

Minha mente não podia sequer compreender para onde eu estava indo, e minhas palavras não podiam expressar o que eu via. Eu cheguei ao final do túnel e parecia que eu permanecia em pé diante de toda a fonte de poder e luz. Toda a minha visão foi tomada por esta incrível luz. Parecia um fogo branco ou uma montanha de diamantes lapidados brilhando com o brilho mais indescritível. Eu imediatamente pensei naquilo como uma aura, depois como glória. Eu havia visto fotos de Jesus com uma pequena auréola ou pequeno brilho em volta de sua face, mas na verdade essa glória era abrangente, impressionante, admiravelmente inspiradora.

Jesus morreu para salvar-nos do lugar em que eu havia acabado de sair, Ele ressuscitou dos mortos e subiu aos céus, e agora Ele está assentado ao lado direito do Pai, e é glorificado, cercado por luz, e Nele não há escuridão. Ele é o Rei da Glória, o Príncipe da Paz, O Senhor dos Senhores, o Rei de todos os Reis. Eu havia visto, naquele momento, o que eu acredito ser a glória do Senhor. No Velho Testamento, Moisés subiu ao Monte Sinai e viu a glória do Senhor. Quando ele desceu de lá, seu rosto brilhava tanto por causa da glória do Senhor que ele teve que usar um véu para que as pessoas não ficassem com medo. Ele havia visto a luz de Deus, a glória de Deus. Paulo cegou-se por uma luz gloriosa na estrada de Damasco, a glória de Jesus. E agora eu estava lá diante dessa incrível luz e glória.

Enquanto eu permanecia ali, perguntas começaram a correr por meu coração; “Isso é apenas uma força, assim como dizem os Budistas, ou karma ou Yin e Yang? Isso é

apenas uma fonte de energia e poder natural ou poderia estar de fato alguém parado ali?” Eu ainda estava questionando tudo.

Enquanto eu pensava tudo aquilo uma voz falou comigo do centro da luz. Era a mesma voz que eu havia ouvido mais cedo naquela noite. A voz disse, “Ian, você deseja voltar?” Eu tremia por saber que havia alguém no centro da luz e quem quer que fosse sabia meu nome. Era como se a pessoa pudesse ouvir meus pensamentos interiores como se fossem falas. Então eu pensei comigo, “Retornar, retornar – para onde? Onde estou?” Rapidamente, olhando para trás eu pude ver o túnel dissipar para a escuridão. Eu pensei, eu devo estar em minha cama de hospital sonhando, e fechei meus olhos. “Isto é real? Estou realmente aqui, eu Ian, parado aqui em vida real, isto é real?” Então o Senhor falou novamente, “Você quer retornar?” Eu respondi, “Se estou fora do meu corpo, eu não sei onde estou, então desejo retornar.” A resposta dessa pessoa foi, “Se você deseja retornar Ian, você deve ver em uma nova luz.”

No momento em que ouvi as palavras “ver em uma nova luz,” algo clicou. Eu me lembrei de ter recebido um cartão Cristão que dizia, “Jesus é a luz do mundo”, e “Deus é luz e não há escuridão Nele.” Eu havia meditado sobre essas palavras naquela época. Eu havia acabado de vir da escuridão, e certamente não havia escuridão ali onde estava. Eu percebi então que a luz poderia estar vindo de Jesus, e se fosse isso – o que eu estava fazendo ali? Eu não merecia estar ali.

CAPÍTULO OITO

AS ONDAS DE AMOR

*E conhecer o amor de Cristo,
Que excede todo o entendimento,
Para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus.*

Efésios 3:19 (NLT)

Então este era Deus! Ele é luz. Ele sabia meu nome e conhecia os pensamentos secretos do meu coração e mente. Eu pensei, “Se este é Deus, então ele também deve ser capaz de ver tudo o que eu já fiz em minha vida.” Eu me senti totalmente exposto e transparente diante de Deus. Você pode usar máscaras diante de outras pessoas, mas não pode usar uma máscara diante de Deus. Eu me senti envergonhado e aberto e então pensei, “Eles cometeram um erro e trouxeram a pessoa errada para cá. Eu não deveria estar aqui. Não sou uma pessoa muito boa. Eu deveria rastejar e voltar à escuridão onde eu pertencço”.

Enquanto comecei a voltar vagorosamente em direção ao túnel, uma onda de luz emanou de Deus e moveu-se em minha direção. Meu primeiro pensamento foi que a luz iria me lançar de volta ao buraco, mas para minha surpresa, uma onda de puro e incondicional amor me inundou. Era a última coisa que eu esperava. Ao invés do julgamento, eu estava sendo lavado com amor puro.

Um amor puro, inadulterado, limpo, sem limites, imerecido. Ele começou a me preencher de dentro para fora, fazendo minhas mãos e corpo formigarem até eu me comover. Eu pensei, “Talvez Deus não saiba de todas as coisas que fiz errado,” então eu continuei a dizer-lhe todas as coisas nojentas que eu havia feito encoberto na escuridão. Mas foi como se ele já tivesse me perdoado e a intensidade de seu amor apenas aumentava. Na verdade, depois Deus me mostrou que quando eu pedi perdão na ambulância, naquele momento ele havia me perdoado e lavado meu espírito do mal.

Eu comecei a chorar incontrolavelmente enquanto o amor se tornava mais forte e mais forte. Era tão limpo e puro. Eu não me sentia amado há anos. A última vez que eu me lembro de ter sido amado foi pela minha mãe e meu pai quando eu estive em casa, mas eu havia partido para o mundo grande e vasto e descobri que não há muito amor lá fora. Eu vi coisas que pensei serem amor, mas sexo não era amor, apenas incendiava. A luxúria era apenas um fogo intenso interior, um desejo incontrolável que te queima de dentro para fora. Ainda sim o amor estava curando meu coração e eu comecei a entender que havia uma esperança incrível para a humanidade nesse amor. A misericórdia de Deus sempre está à frente de Seu julgamento.

Enquanto estava ali, as ondas de luz pararam e eu permaneci envolvido por uma luz pura, cheia de amor. Havia tamanha quietude. Eu estava tão perto e me perguntava se eu podia apenas ir até à luz que cercava Deus e vê-lo face a face. Se eu pudesse apenas vê-lo face a face eu saberia a verdade. Eu estava cansado de ouvir mentiras e decepções. Eu queria saber a verdade. Eu havia estado em todos os lugares para descobrir a verdade, e ninguém parecia capaz de dizê-la. Eu pensei que se pudesse me aproximar e encontrar com Deus face a face eu saberia a verdade e o significado da vida.

Será que eu podia me aproximar? Não havia nenhuma voz dizendo que eu não podia. Então me aproximei, coloquei meu melhor pé à frente e dei um passo à luz. Quando adentrei-me na luz, foi como se eu houvesse entrado dentro de véus de luzes suspensas e cintilantes, como estrelas suspensas ou diamantes emanando a radiação mais maravilhosa. Enquanto eu entrei na luz ela continuou a sarar minhas partes mais profundas, estava curando meu eu - interior quebrado, maravilhosamente curando meu coração partido.

Eu me dirigi para a parte mais iluminada da luz. E permanecendo no centro da luz estava um homem vestido em um deslumbrante manto branco que chegava até seu tornozelo. Eu podia ver seus pés descalços. Suas vestes não eram como as fabricadas pelo homem, mas eram vestes de luz. Eu ergui meus olhos e pude ver o tórax de um homem com seus braços estendidos como se fossem para me dar boas vindas. Eu olhei em direção a seu rosto. Era tão brilhante, parecia ser cerca de dez vezes mais brilhante que a luz que eu já havia visto. Ela fazia o sol parecer amarelo e pálido, em comparação. Era tão brilhante que eu não podia decifrar os traços de seu rosto, enquanto eu permanecia lá eu comecei a sentir que a luz emanava pureza e santidade.

Eu sabia que estava na presença do Deus Todo-Poderoso – ninguém, senão Deus, poderia ser assim. A pureza e a santidade continuavam a emanar de sua face e eu comecei a sentir que a pureza e a santidade entravam em mim. Eu queria me aproximar para ver seu rosto. Eu não sentia medo, mas total liberdade enquanto eu movia em sua direção. Parado então, apenas a alguns passos Dele, eu tentei olhar dentro da luz que envolvia seu rosto, mas quando fazia isso, Ele movia para um lado e, enquanto Ele movia, toda a luz movia com ele.

CAPÍTULO NOVE

A PORTA E A DECISÃO

***Eu (Jesus) sou a porta.
Se alguém entrar por mim será salvo;
Entrará, e sairá, e achará pastagens.
O ladrão não vem senão a roubar,
A matar e a destruir.
Eu vim para que tenham vida, e tenham com abundância.
Eu sou o bom Pastor,
O bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas.***
João 10:9-11 (NASB)

Diretamente atrás de Jesus havia uma entrada em forma circular, como um túnel de onde eu havia vindo. Olhando fixamente para lá eu podia ver um mundo totalmente novo aberto diante de mim. Eu senti como se estivesse à margem do paraíso, tendo um vislumbre da eternidade.

Era completamente intocável. A minha frente havia capôs verdes e pastagens. A grama por si só emanava a mesma luz e vida que eu havia visto na presença de Deus. Não havia doenças nas plantas. Parecia como se, após pisar na grama, ela voltaria de novo a saltar com vida. Através do centro desses pastos eu podia ver uma corrente de água limpa e cristalina cursando a paisagem com árvores em cada orla. A minha direita havia montanhas à distância e o céu acima era azul e limpo. A minha esquerda rolavam montes verdes e flores, que radiavam belas cores. Paraíso! Eu sabia que pertencia àquele lugar. Eu sentia como se tivesse acabado de nascer pela primeira vez. Cada parte de mim sabia que eu estava em casa. Diante de mim estava a eternidade – à apenas um passo de mim.

Enquanto eu dava um passo à frente até o novo mundo, Jesus dava um passo atrás até a passagem. A Bíblia diz que Jesus é a porta e se você entrar por Ele, você entrará e sairá e encontrará pastos verdejantes. Ele é a porta para a vida. Jesus é o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Ele. Ele é o único caminho. Há apenas um corredor estreito que leva até Seu reino. Poucos o encontram. Muitos encontram o caminho largo para o inferno.

Jesus me fez esta pergunta, “Ilan, agora que você viu, você quer retornar?” Eu pensei, “Retornar, claro que não. Porque eu iria querer voltar? Porque eu iria querer voltar para a miséria e o ódio? Não, eu não tenho nada para o que retornar. Eu não tenho esposa, ou filhos, ninguém que realmente me ame. Você é a primeira pessoa que de fato me amou como sou. Eu quero permanecer em sua presença para sempre. Eu quero ir para o Paraíso.” Mas ele não se moveu então eu olhei para trás uma última vez para dizer, “Adeus mundo cruel, estou indo embora!”

Quando eu fiz isso, em uma visão clara, bem em frente ao túnel, estava minha mãe. Quando a vi, percebi meu erro; havia uma pessoa que me amava – minha querida Mamãe. Ela não apenas havia me amado, mas eu também sabia que ela havia orado por mim e havia tentado me mostrar Deus. Em meu orgulho e arrogância eu havia zombado de suas crenças. Mas ela estava certa ao final das contas, existia um Deus e um céu e um inferno. Eu comecei a perceber o quão egoísta seria se fosse ao paraíso e deixasse minha mãe pensando que eu havia ido para o inferno. Ela não fazia idéia de que eu havia feito uma oração ao leito da morte, me arrependido de meus pecados e recebido Jesus como meu Senhor e Salvador. Ela iria apenas receber um morto em um caixão de Mauritius.

Então eu disse, “Senhor, há uma pessoa por quem realmente quero voltar e é minha mãe. Eu quero dizer a ela que o que ela acredita é a verdade, que existe um Deus vivo, que existe um céu e um inferno, que existe uma porta e Jesus Cristo é o caminho e que nós só podemos ultrapassá-la através Dele.” Então, quando olhei para trás novamente, vi atrás de minha mãe, meu pai, meu irmão e minha irmã, meus amigos, e uma multidão de pessoas. Deus estava me mostrando que havia muitas outras pessoas que também não sabiam a verdade, e nunca iriam saber a menos que eu compartilhasse com elas. Eu respondi, “Eu não amo essas pessoas”, mas Ele replicou, “Eu as amo e desejo que todas elas venham a me conhecer”.

Então o Senhor disse, “Se você retornar, você deve ver as coisas em uma nova luz.” Eu entendi que eu deveria então passar a ver pelos Seus olhos, Seus olhos de amor e perdão. Eu precisava ver o mundo como Ele via – pelos olhos da eternidade. “Deus, como eu faço para retornar?” Eu perguntei, “Eu tenho que voltar pelo túnel da escuridão,

de volta ao meu corpo? Como eu posso voltar? Eu nem se como vim parar aqui”. Ele disse, Ian, incline sua cabeça...agora sinta o líquido drenar de seus olhos... agora abra seus olhos e veja.”

CAPÍTULO DEZ

O RETORNO

***Tu livraste a minha alma da morte;
Livrou os meus pés da queda.
E agora posso andar em Tua presença, ó Deus,
Na luz dos viventes.***
Salmos 56:13 (NLT)

Imediatamente eu estava de volta ao meu corpo. Minha cabeça estava inclinada para a direita e eu estava com um olho aberto. Eu estava olhando para um jovem médico indiano que tinha meu pé direito erguido em sua mão e cutucava um instrumento afiado na base do meu pé. Ele buscava por algum sinal de vida. Aos poucos ele percebeu que eu estava vivo e olhava para ele. Eu imaginava o que ele estava fazendo, mas então a ficha caiu, “Ele pensa que eu estou morto!” Ao mesmo tempo o médico parou o que estava fazendo e virou sua cabeça em direção ao meu rosto. Quando nossos olhos fizeram contato, o terror tomou conta de sua face, como se ele tivesse visto um fantasma. O sangue correu de seu rosto e ele ficou branco como papel. Seus pés quase saíram do chão.

Eu estremeci por causa disso e pedi a Deus que me desse forças para inclinar minha cabeça à esquerda e olhar para o outro lado. Enquanto eu virava minha cabeça vagarosamente, eu vi enfermeiras e assistentes na entrada me encarando com surpresa e terror. Ninguém dizia uma palavra. Eu aparentemente havia estado morto por cerca de 15 a 20 minutos e estava sendo preparado para o necrotério. Como me sentia fraco, fechei os meus olhos, mas rapidamente os abri para verificar se ainda estava em meu corpo. Eu não sabia se iria ou não desaparecer novamente.

Eu ainda estava paralisado e pedia a Deus que me ajudasse. Enquanto eu orava, senti uma sensação de formigamento em minhas pernas, acompanhado por um calor confortante. Eu continuei a orar e o médico apenas permaneceu ali balançando a cabeça. O calor se espalhou pelo meu corpo e braços. Deus estava me curando! Eu estava tão cansado que fechei meus olhos novamente e cai em sono profundo.

Eu não acordei até a tarde seguinte. Quando acordei, vi meu amigo Simon parado do lado de fora de meu quarto, olhando através da janela. Ele parecia pálido e estava balançando sua cabeça. Ele não podia acreditar que eu estava vivo. Ele havia seguido meu rastro até o hospital e trazido com ele meu amigo neozelandês. “Então você teve uma noite bem difícil, ein?” Este amigo perguntou. “Sim, companheiro”. Eu respondi, “Eu não sei exatamente o que aconteceu.” Eu não queria dizer, “Na verdade, eu morri!” Eu ainda estava assimilando tudo o que havia acontecido e não queria que eles dissessem, “Chega, para o quarto de borracha – você tomou tantos medicamentos que estão saindo por suas orelhas!”

“Esse lugar cheira como uma latrina.” Eles disseram. “Vamos tirar você daqui. Vamos tomar conta de você.” Eu resisti – queria ficar no hospital, mas eles escalaram a janela, me apanharam e me tiraram para fora. O médico chegou e tentou contê-los fisicamente, mas eles o empurraram fora do caminho. Um táxi estava esperando. Simon não queria entrar no táxi comigo, pois ainda pensava que eu era um fantasma. Eles me levaram para casa, o bangalô na praia, e me colocaram na cama. Então eles foram direto para a sala de estar e fizeram uma festa!



A janela do hospital

Eu estava exausto e com fome. Foi dormir novamente e acordei no meio da noite com calafrios e suando. Meu coração estava cheio de terror. Eu estava deitado de frente à parede e rolei para ver o que estava me assustando. Através de minha tela anti-

mosquitos e das barras de aço da janela eu pude ver sete ou oito pares de olhos olhando para mim. Havia uma luz vermelha e brilhante neles. Ao invés de uma pupila redonda,

eles tinham fendas como gatos. Eles pareciam meio humanos meio animais. E pensei, “O que na terra é aquilo?” Eles olharam dentro dos meus olhos e eu olhei nos deles e escutei um sussurro, “Você é nosso e nós vamos voltar.” “Não, vocês não vão! Eu chorei”. Agarrei minha lanterna e iluminei em todos eles. Não havia nada lá – mas eu sabia que os tinha visto!

Eu me perguntava se estava ficando louco. Eu comecei a sentir como se devesse estalar a mente para ver se era verdade. Eu tive de me acalmar e me convencer de que não estava ficando louco. Eu havia passado por tanta coisa nas últimas 24 horas. Então disse, “Deus, o que está acontecendo?” Então Ele me levou, passo a passo, a tudo o que eu havia passado. Era como se Ele o tivesse cauterizado em minha mente. Ao final disso, perguntei a Ele, “o que são essas coisas que parecem querer me atacar?” Ele respondeu, “Ilan, lembre-se do Pai Nosso.” Eu tentei me lembrar novamente com minha mente, mas não consegui. Então de minha cabeça vieram as palavras “mas livrai-nos do mal”. Eu orei isso incansavelmente, do meu coração. Então Deus disse, “Apague as luzes Ilan.” Eu juntei minha coragem e apaguei a luz principal. Eu sentei a beira da cama com minha lanterna ligada. Me senti como um Jedi do filme Star Wars! Comecei a pensar, “Se eu não desligar minha lanterna, terei que passar o resto da vida com minhas luzes acesas.” Eu desliguei a lanterna. Nada aconteceu. A oração teve efeito. Eu me deitei e fui dormir.

CAPÍTULO ONZE

VENDO ATRAVÉS DE UMA NOVA LUZ

Vigiai.

Fique firme na fé.

Seja corajoso.

Seja forte.

1 Coríntios 16:13 (NLT)

Na manhã seguinte eu me levantei e preparei café da manhã para mim. Meus amigos vieram de seu surf matinal e começaram a falar comigo. Eu comecei a perceber que o que eles estavam falando não era exatamente o que estavam querendo dizer. Isso me confundiu, como se eu estivesse ouvindo duas mensagens diferentes. Eu comecei a ver através de suas máscaras. Pela primeira vez em minha vida eu começava a ver as coisas em uma nova luz. Eu podia ver que as intenções de seus corações eram totalmente contrárias ao que saía de suas bocas. Era assustador para mim porque eu não sabia como reagir a este tipo de entendimento. Então me retirei, fui para meu quarto e fiquei lá.

Naquela noite acordei de novo suando frio. Algo próximo estava me assustando. Eu virei minha cabeça para ver e para meu horror os demônios que eu havia visto na última noite estavam agora em meu quarto, olhando para mim através de minha tela anti-mosquitos. Mesmo assim, por alguma razão, eles não podiam chegar até mim. Eles estavam me intimidando, mas não podiam, na verdade, chegar até mim. Em meu coração eu possuía uma paz profunda. Eu sabia que havia visto a luz de Deus e aquela luz estava em mim. Não importava quão pequena era a chama, estava em mim e eles não podiam entrar. Mas eles estavam certamente tentando me aterrorizar e me pegar de volta.

Eu agarrei minha lanterna novamente. Desta vez, eu tive medo de sair da cama para acender a luz porque eles estavam em meu quarto, mas pulei da cama e apertei o interruptor de luz. Com a luz acesa, eu me ajoelhei no chão. Batalhei com minha mente novamente, tentando manter minha sanidade. Novamente orei o Pai Nosso e então voltei

a dormir. Havia mais duas noites para passar antes de voar de Mauritius até a Nova Zelândia. Na noite seguinte eu acordei com uma batida em minha janela. Era uma garota dizendo, “Ian, eu quero conversar com você, me deixe entrar.” Como conhecia a garota, não pensei nada a respeito. Meio sonolento, fui até a porta para abri-la. No momento em que a abri, ela a agarrou e eu vi seus olhos. Eu pude ver a mesma pupila vermelha de fenda que eu havia visto nos olhos que tinham me assombrado nas últimas duas noites. Ela começou a falar em perfeito Inglês. Ela era Creole e nunca havia falado perfeito Inglês. Ela disse, “Você vem conosco esta noite, Ian. Vamos levar você a um lugar.” Então ouvi outros passos vindo. Tentei empurrar a porta para fechá-la, mas era como se a garota tivesse ganhado uma força sobrenatural e eu não pude movê-la. Então, de dentro do meu coração vieram essas palavras, “Em nome de Jesus – Vá!” Ela cambaleou para trás como se tivesse recebido um murro no peito. Enquanto eu a vi recuar para trás, bati a porta em sua cara e a tranquei. Estava tremendo, mas a salvo, entretanto.

Finalmente era minha última noite, as malas estavam feitas e eu estava pronto para ir. Um táxi viria me pegar às 5 da manhã. Fui dormir, mas fui acordado à noite, desta vez por pedras batendo em minha janela. Era a garota novamente. Eu estava preparado e havia trancado as portas, mas havia deixado uma pequena janela aberta. Pensei, “O que quer que sejam essas criaturas, elas estão lá fora para me matar e estão usando humanos para fazer isso!” Estava prestes a pular e fechar a janela quando um grande braço negro atravessou e empurrou o trinco. Eu escutei a garota dizendo suavemente, “Ian, queremos falar com você. Venha para fora.” Eu fingi estar dormindo e as pedras bateram na janela novamente. Esta vez ela falou mais alto, “Ian, venha para fora.” Então pedras mais pesadas começaram a atingir a janela e ela estava brava agora, “Ian, venha para fora!”

Eu virei de repente e vi uma lança vindo através da janela aberta em minha direção. Eu segurei minha lanterna. “A melhor forma de defesa é atacar” eu pensei e direcionei a lanterna nos olhos de quem segurava a lança. Mais uma vez aquela pupila vermelha! Eu saltei gritando por tudo o que valia, agarrei sua lança e impulsionei-a de volta até que ele a soltou. A joguei para fora da janela e fechei a janela batendo-a. Rapidamente iluminei com a lanterna o lado de fora, onde havia três homens e uma mulher. Eles encolheram-se de medo como cães a serem apedrejados. O que me surpreendeu era o quão amedrontados pela luz eles estavam.



O quarto dos fundos do bangalô onde Ian dormia

Eu estava tão abalado que permaneci acordado o resto da noite esperando pelo táxi. Mas ele nunca veio. Eu acordei meus colegas de surf e perguntei se eles podiam encontrar um táxi para mim. Eles foram incapazes, pois alguém havia enfiado uma vara de aço no radiador do carro durante a noite. Era o único táxi da cidade e meu amigo teria que ir até a outra cidade para conseguir um táxi para mim. Quando ele retornou, havia um grupo de Creoles do lado de fora de minha casa com estacas e o motorista ficou com medo de dirigir entre eles. Aparentemente, eu havia causado uma sensação na cidade por causa de minha recuperação milagrosa. Os habitantes da cidade sabiam que eu deveria ter morrido e, sendo pessoas supersticiosas, me consideravam um fantasma ou algo pior. No entanto, eu consegui escapar dos inimigos e chegar até o aeroporto para voar para a Nova Zelândia via Austrália.

Em Perth, cidade da Austrália, eu me encontrei com meu irmão mais novo, que estava morando lá. Tentei contar a ele o que havia visto. Ele ficou chocado e não conseguiu acreditar. Dormi em seu quarto naquela noite, pois ele havia partido para retornar à Nova Zelândia, e no meio da noite eu acordei com demônios de olhos brancos me atacando. Eu saí do quarto e vi um Buda pequeno assentado na lareira. Quando olhei para aquela imagem, Deus falou comigo que os demônios de olhos-brancos estavam saindo daquele ídolo. Eu fiquei surpreso! Agora sabia que o que eu havia vivenciado com os ídolos em Colombo era demoníaco. Decidi então encurtar minha viagem para a Austrália e retornar para a Nova Zelândia imediatamente.

No avião, descendo em Auckland, Nova Zelândia, perguntei ao Senhor, “O que eu me tornei?” Eu tinha meu Walkman ligado e tocando a música do ‘Men at Work’. Uma voz falou comigo por cima do som do Walkman e disse, “Ian, você se tornou um Cristão

renascido.” Eu retirei meu Walkman e olhei em volta para ter certeza de que nenhuma pessoa no avião havia dito aquilo. Então alcancei minha bolsa para pegar meus óculos escuros. Eu os coloquei e, no relativo isolamento que eles proporcionavam, fiquei fora de mim. “Um Cristão! É isso o que é? Quem iria querer ser um Cristão?” Ainda não havia ocorrido em mim que aquilo era no que eu havia me tornado.

Meus pais me apanharam no aeroporto. De volta em casa, minha mãe havia deixado meu quarto com os pôsteres de surf, exatamente como estava há dois anos atrás. Era como voltar no tempo. Tinha ido para casa, como um refúgio. Fui dormir e fui acordado no meio da noite por algo me balançando. Naquele momento eu sabia como me livrar dos demônios usando o nome de Jesus e o Pai Nosso. Eles teriam de ir, mas o que eles estavam fazendo em meu quarto, em minha casa? Eu estava furioso! Eu me levantei e decidi dar a eles uma chicotada verbal. Então fui fazer isso! Acordei meus pais, mas fui atrás! Eu me assentei em minha cama e disse, “Deus – Estou cansado dessas coisas me perturbando no meio da noite. O que devo fazer para me livrar deles?” Ele disse, “Leia a Bíblia.” Eu respondi, “Da próxima vez o Senhor irá me pedir para ir à Igreja! Eu não tenho uma Bíblia!” “O seu pai tem uma Bíblia – vá e peça a ele”.

Então eu fui. Comecei lendo do começo, pelo livro de Gênesis: “No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.” Eu chorei quando li isso. Eu havia ido para a universidade e estudado todos os tipos de livros, mas eu nunca havia sequer olhado para o único livro que pudesse me dizer a verdade. Pelas seis semanas seguintes eu havia lido de Gênesis até Apocalipse. Tudo o que eu havia visto no céu estava descrito naquele livro!

Em Apocalipse, capítulo um, eu li sobre Jesus, vestido trajas de branco, seu rosto brilhante como o sol, com sete estrelas em sua mão, o Alfa e o ômega, o começo e o fim. Eu li em João 8:12, que Jesus era a luz do mundo e aqueles que fossem até ele não mais andariam na escuridão, mas teriam a luz da vida. Eu li sobre nascer de novo pelo Espírito de Deus em João, capítulo três. Eu li que pela confissão de meus pecados a Deus, ele havia me perdoado e me lavado de minha injustiça. Eu li sobre o novo céu e terra onde

não haverá mais pranto ou choro. Eu aprendi que quando um demônio é expulso de alguém ele tenta voltar para seu lugar de residência. Eu aprendi que Jesus havia me dado autoridade sobre os demônios que eu encontrava e que demônios podiam habitar em imagens. A Bíblia inspirou temor em mim, pois eu nunca havia percebido que a verdade que estava escrita em suas páginas era tão vital para a vida*.

Desde esta experiência em 1982, eu tenho seguido a Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador. Inicialmente eu passei algum tempo na fazenda leiteira de minha irmã na Nova Zelândia, ordenando minha vida. No meio do caminho, em 1983, me juntei à YWAM (Juventude Com uma Missão) e naveguei com eles pelas Ilhas do Pacífico dizendo às pessoas de lá sobre o amor de Deus. Então voltei até o Sudeste da Ásia e ministrei às pessoas das tribos inalcançadas da Malásia. Por três anos eu trabalhei nas selvas de Sarawak e no continente peninsular. Durante este período, conheci minha esposa Jane.

Desde então, tenho trabalhado na Igreja como pastor (agora sou um ministro ordenado), e como um viajante orador (missionário), indo até muitas nações ao redor do mundo compartilhando este testemunho. Minha esposa Jane e eu temos três lindas crianças, Lisa, Michael e Sarah. Nosso desejo é continuar compartilhando essa notícia maravilhosa do amor e misericórdia incondicional de Deus, e sua provisão pela morte de Jesus na cruz pelo perdão de nossos pecados, a todos que conhecemos.



Ian e Jane, Lisa, Michael e Sarah

* Veja notas no apêndice para referências da Bíblia.

CAPÍTULO DOZE

E AGORA PARA VOCÊ?

*Isto é o quanto Deus amou ao mundo:
 Ele deu Seu filho, seu único Filho.
 E isto porque: para que ninguém precise ser destruído;
 Ao acreditar Nele,
 Qualquer um pode ter uma vida completa e duradoura.
 Deus não se deu ao trabalho de enviar Seu Filho
 Meramente para apontar o dedo acusador,
 Dizendo ao mundo o quão ruim ele estava.
 Ele veio para ajudar,
 Para colocar o mundo certo novamente.
 Qualquer um que acreditar Nele é absolvido;
 Qualquer um que se recusa a confiar Nele há tempos desde que
 Está sob a pena da morte sem saber disso.*

João 3 (A mensagem)

O amor de Deus por nós é predominantemente visível. Ele enviou seu filho, Jesus, para morrer em nosso lugar, pagando o preço por nossos pecados. A Bíblia diz que a pena para nossos pecados é a morte, e nenhum de nós é sem pecados, mas o presente de Deus é a vida eterna através de Jesus Cristo (Romanos 5:8-11). É sua escolha – somente você pode escolher a vida para si mesmo!

Se este livro desafiou você a considerar como você irá responder à oferta de vida feita por Deus, poderá ser útil para você fazer uma oração como Ian fez.

- ◆ Peça a Deus para perdoar todos os seus pecados.
- ◆ Perdoe qualquer um em sua vida que, de alguma forma, tenha ofendido você.
- ◆ Peça a Deus para ser o Senhor da sua vida e se comprometa a seguir e servir sua vontade.

Se você tiver se decidido a seguir Jesus, será importante encontrar pessoas com a mesma afinidade de idéias, que possam encorajar você e ajudá-lo a crescer em sua fé. Arranje para si uma Bíblia e comece a lê-la – pode ser mais fácil começar pelo livro de João (você o encontrará ao olhar o sumário existente no início da Bíblia).

Nossa oração para você é que Cristo viva em você enquanto você abre a porta e o convida para entrar. E isso, com os dois pés plantados e firmes em amor, você será capaz de entender, junto com todos os Cristãos, a extravagante dimensão do amor de Cristo. Estenda as mãos e vivencie o tamanho deste amor! Examine sua longitude! Meça sua profundidade! Viva uma vida cheia da plenitude de Deus! (Efésios 3 – A Mensagem).

NOTAS

WEBSITE DO IAN

Para mais informações sobre Ian e o atual local de sua pregação, visite este website:
www.aglimpseofeternity.org

ÁGUA-VIVA CAIXA

Para mais informações sobre a Água-Viva Caixa verifique estes websites:

<http://www.pharmacology.unimelb.edu.au/pharmwww/avruweb/jellyfi.htm#jellyfish>

http://animaldiversity.ummz.umich.edu/accounts/chironex/c._fleckeri.html

http://www.usyd.edu.au/su/anaes/marine_enven.html

REFERÊNCIAS BÍBLICAS

- **Morte e Julgamento;** Mateus 25:31-46, Romanos 2:6-11, Romanos 14:7-12, 1 Coríntios 15:35-44, 2 Timóteo 4:1, Hebreus 9:27, Reis 20:11-15
- **A morte de Jesus por nossos pecados;** João 11:25-26, Romanos 6:9-11, Romanos 8:10-11; 31-35, Colossenses 2:13-14, 1 Tessalonicenses 5:10, 1 Pedro 1:3-4
- **Jesus o Filho glorificado de Deus;** Ezequiel 1:26-28, Lucas 9:29, João 20:19, Atos 7:55-56; Atos 9:3-5, 1 Tessalonicenses 4:14, Apocalipse 1:13-16,
- **Escuridão e Luz;** Isaías 42:6, Mateus 8:12; 22:13, Lucas 2:32, João 1:4-9; 8:12, Atos 13:8-11, Romanos 13:12, 2 Coríntios 4:6, Efésios 5:8-14, 1 João 1:5; 2:8-11, Apocalipse 21:23
- **Vida Eterna;** Salmos 145:13, Eclesiastes 12:5, Isaías 51:11; 60:19-20, Jeremias 31:3, Marcos 3:29, Lucas 16:9, João 3:15; 4:36, Romanos 1:20, Efésios 3:10,11, 2 Tessalonicenses 2:16, 2 Timóteo 2:10, Hebreus 5:9; 9:15, 1 Pedro 5:10, 2 Pedro 1:11, Judas 21, Apocalipse 14:6,
- **Céu e inferno;** Mateus 5:11-12; 8:12; 10:15; 18:10; 22:15; 23:15, 34-37, Lucas 10:20; 15:7; 16:25; 20:36; 23:43, João 14:2, Romanos 8:17, 1 Coríntios 15:42-51, 2 Coríntios 12:2-4, 2 Tessalonicenses 1:9, Judas 6, Hebreus 9: 12; 12:22-23, 1 Pedro 1:4, 2 Pedro 1:10-11; 2:4; 3:13, Apocalipse 7:15; 14:13; 21:2-4, 10-27; 22:3-5,15
- **O amor de Deus;** Salmos 103:4, Salmos 36:7, Mateus 18:10, João 15:13, Romanos 5:5-8, Gálatas 2:20, Efésios 2:4-5; 3:19, 2 Tessalonicenses 2:16, Tito 3:4
- **Demônios;** Mateus 8:29; 10:1; 12:24-30, Marcos 1:23-24, 5:8-9, Lucas 8:29; 10:17-18, 1 Coríntios 10:20, 1 Timóteo 4:1

MAIS CORRELAÇÕES BÍBLICAS PELO Dr. RICHARD KENT

É uma questão de verdade Bíblica que, quando morremos, nosso espírito deixa nossos corpos. O mais famoso exemplo disso é encontrado em João 19:30, “Jesus disse ‘Esta consumado’ e curvando sua cabeça, ele entregou seu Espírito.” Não há dúvidas de que Jesus morreu, como registrado em João 19:33. Sabemos que “vivo em Espírito” Jesus pregou àqueles que haviam se afogado no dilúvio de Noé (1 Pedro 3:9).

Além disso, a meu ver Paulo por si só teve uma Experiência Próxima à Morte após ter sido apedrejado pelos Judeus de Antioquia e Icônio (Atos 14:19). Os Judeus estavam extremamente bravos com Paulo por haver desertado o Sinédrio e se tornado um seguidor de Jesus. Está certo que mataram Paulo, e isto foi invariavelmente resultado do apedrejamento. Paulo descreve sua própria Experiência Próxima à Morte como sendo “suspendido até o terceiro céu” (2 Coríntios 12:2).

Finalmente, Lucas descreveu o espírito de uma garota de 12 anos de idade retornando ao seu corpo, para que ela voltasse à vida. Jesus foi chamado para ver a filha de Jairo que havia morrido, com a solicitação de que Ele deveria trazer a garota de volta a vida novamente. A história é registrada em Lucas 8:53-55: “Riam-se dele, porque sabiam que ela estava morta. Porém ele, tomando-a pela mão, disse em voz alta: Menina, levanta-te. Voltou o seu espírito, e ela se levantou imediatamente.” O claro ensinamento aqui é que quando o espírito da pequena garota retornou a seu corpo, ela voltou à vida. Eu acredito que esta é a explicação Bíblica para o caso de Ian McCormack, cujo espírito também retornou ao seu corpo após ele ter morrido.